DISCURSOS, CONFLITOS E AUTOAFIRMAÇÃO NEGRA NA PRÉ-ESCOLA: OBSERVAÇÕES ENTORNO DA INFÂNCIA E SUAS CORES

Caroline Delfino dos Santos

Doutoranda pela Unigranrio em Humanidades, Culturas e Artes, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Professora e Orientadora Educacional na rede Pública de ensino de Duque de Caxias, RJ, Brasil.

carol.delfino.santos@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos construídos por crianças do pré-escolar em relação à temática da cor negra enquanto marca identitária. Embora ainda pequenas, as crianças desde muito cedo vão elucidando, por meio de suas narrativas, o reconhecimento de seu pertencimento à população negra, autoafirmando-se positivamente em relação à sua cor e raça. Embora venhamos de um contexto histórico-social marcado pelo estigma da opressão, discriminação racial e consequente desigualdades financeiras, a experiência de trabalho com a educação infantil vem revelando que nossas crianças negras, ainda na primeira infância, já manifestam um posicionamento crítico e político de enfrentamento às práticas de racismo que desqualificam seu povo. O mesmo movimento de autoafirmação negra não foi identificado no trabalho com alunos com mais anos de escolaridade, cuja faixa etária varia entre 9 e 14 anos. As observações *in lócus* remetem-nos à seguinte questão: Os movimentos sociais negros, as legislações vigentes a favor da diversidade, bem como as contribuições literárias que destacam as culturas negras em contexto de protagonismo, vêm contribuindo para o processo de autorreconhecimento e autoafirmação da criança pequena negra? Para subsidiar a presente discussão, apoiamo-nos em documentos legislativos que se debruçam sobre a questão identitária na educação infantil e ainda sobre estudos e experiências de trabalho que buscam trazer à tona a capacidade das crianças de compreenderem sobre si. Cumpre sinalizar que os dados foram coletados por meio da observação participante, tendo como enfoque características de uma pesquisa qualitativa.

Palavras-chave: Narrativas. Diversidade. Educação Infantil.

SPEECHES, CONFLICTS AND BLACK FAITH IN THE PRE-SCHOOL: OBSERVATIONS ENVIRONMENT OF THE CHILDHOOD AND ITS COLORS

ABSTRACT

The present work aims to analyze the discourses constructed by pre-school children in relation to the theme of black color as an identity mark. Although they are still small, the children from the earliest stages of the study explain the recognition of their belonging to the black population, affirming themselves positively in relation to their color and race. Although we come from a historical-social context marked by the stigma of oppression, racial discrimination and consequent financial inequalities, the experience of working with children's education has revealed that our black children, even in early childhood, already manifest a critical and political positioning of confrontation to the practices of racism that disqualify its people. The same black self-affirmation movement was not identified in the work with students with more years of schooling, whose age range varies between 9 and 14 years. The in loco observations refer us to the following question: Black social movements, current legislation in favor of diversity, as well as the literary contributions that highlight black cultures in a context of protagonism, have contributed to the process of self-recognition and self-affirmation of the child little black girl. To support this discussion, we rely on legislative documents that focus on the issue of identity in early childhood education and on studies and work experiences that seek to bring to the fore the children's ability to understand their environment. It should be noted that the data were collected through participant observation, focusing on the characteristics of a qualitative research.

Keywords: Narratives. Diversity. Child education.

1 INTRODUÇÃO

As crianças têm o desejo e a habilidade de procurar pelo significado da vida e de si mesmas assim que nascem.

Carla Rinaldi

A experiência de ser professor, em especial, professor da educação infantil, re-

quer um constante movimento de pesquisa e investigação da prática. Trata-se, pois, de estar em contínuo movimento de busca, escuta, observação e reflexão em torno das experiências vivenciadas pelos alunos. À luz das abordagens tecidas em Reggio Emilia, a pedagogia da escuta, a documentação pedagógica, a participação e não menos importante, a pesquisa são conceitos relevantes traduzindo-se, sobremaneira, em experiências de aprendizagem não apenas aos alunos, como também ao professor:

Na verdade, o desenvolvimento pessoal e profissional, assim como a educação não deveria ser visto como qualidade estática e imutável, alcançada de uma vez por todas, mas ao contrário, como um processo, um percurso que percorremos desde que nascemos e por toda nossa vida, agora mais do que nunca. Desenvolvimento pessoal e profissional e educação são coisas que nós mesmos construímos na relação com os outros, com base em valores escolhidos, partilhados e elaborados em conjunto. Significa viver em permanente estado de investigação. (RINALDI, 2017, p. 247)

A visão entorno da criança pequena vem passando por algumas mudanças significativas no que se refere a sua capacidade de compreender e intervir no mundo em que está inserido. A percepção de que as crianças da educação infantil são sujeitos ativos e capazes de tecer suas ideias, comentários e teorias, sobretudo na defesa do seu ponto de vista, nos mobiliza a desenvolver o presente relato, ratificando ainda a emergência da escuta como ferramenta de legitimidade das histórias, culturas e identidades dos alunos, neste caso, especificamente dos alunos negros. As contribuições trazidas pela experiência de trabalho em Reggio Emilia corroboram para a ideia do professor como pesquisador da sua prática e observador dos fazeres dos alunos, salientado a relevância do registro.

Para a construção do referido texto, elegemos fragmentos de uma conversa tecida por alunos de 5 anos, pré-escolar, de uma escola da esfera pública municipal da Baixada Fluminense. Trata-se de um debate instaurado pelos próprios alunos tendo como temática central a cor da pele. A turma em questão, tal como a localidade em que a escola encontra-se inserida, é composta por uma maioria de crianças negras e que mesmo tão pequenas já se reconhecem como tal.

Em um outro contexto de trabalho, também com crianças de 5 anos, observamos que as mesmas se desvencilham do que culturalmente se convencionou como tom “cor

da pele” para representarem suas identidades negras. Ao contrário das crianças maiores, os alunos do pré-escolar vão se assumindo como pertencentes a uma população negra, ampliando o debate entorno da importância de um currículo descolonizado que contemple a pluralidade, a diversidade, a discriminação ao racismo e demais manifestações de preconceito as ditas minorias sociais.

Para o entendimento do conceito de racismo, trazemos algumas contribuições de MOORE:

Estrutura de origem histórica, que desempenha funções benéficas para um grupo, que por meio dele constrói e mantém o poder hegemônico com relação ao restante da sociedade. Esse grupo instrumentaliza o racismo através das instituições e organiza, por meio do imaginário social, uma teia de práticas de exclusão. Desse modo, preserva e amplia os privilégios sociais, o poder político e a supremacia total adquiridos historicamente e transferidos de geração a geração. Em uma sociedade já multirracial e mestiçada, ele serviria para preservar o monopólio sobre os recursos, para o segmento racial dominante. (Carlos Moore, 2015 – Revista El País, s/nº)

As explicações tecidas por Carlos Moore entorno do racismo, contribuem para uma reflexão mais apurada em relação à forte (re)produção dos estereótipos que nascem e resultam de/em fortes práticas de exclusão às pessoas negras. Ao oferecer as nossas crianças referências de pessoas brancas com notoriedade nos veículos de massa estamos reafirmando que sua cor não pode ocupar posição de *status* social. Se, por outro lado, damos a tônica necessária as pessoas negras, com o destaque e protagonismo que lhe é devido, suscitamos nas crianças expectativas em relação ao seu potencial elevando sua autoestima à compreensão de que podem chegar aonde quiserem.

Como o presente estudo trata das questões raciais na infância, além do debate entorno do racismo, articulamos a discussão os princípios e objetivos inerentes à educação infantil, mais especificamente os que se referem às questões sociais, à construção da identidade e diversidade. Assim, consideramos prudente pontuar que dentre os direitos de aprendizagem das crianças, a Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil prevê não apenas a convivência, o brincar e explorar, como também participar, expressar-se e conhecer-se. Que nossas crianças possam usufruir de espaços onde tenham o direito de se auto conhecerem e se expressarem em razão de serem quem são!

2 REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA MÍDIA E NA LITERATURA INFANTIL

Historicamente, em nossa sociedade como em tantas outras, a imagem do homem negro, por vezes é vista como negativa. Na imprensa, na literatura, na televisão, nas campanhas publicitárias, nas músicas (O teu cabelo não nega mulata...) e em grande parte dos veículos de massa, ainda nos deparamos com o resultado de um histórico escravagista que subalterniza o negro com sua mão de obra, imagem, história e culturas.

Figura 1 - Campanha publicitária de uma dada marca de cosméticos
(Antes e depois)

Fonte: (<https://www.geledes.org.br/representacao-social-da-mulher-negra-nos-programas-de-tv-estereotipo-sexualizacao/>)

Essa visão negativada do negro é denunciada por FANON:

Na Europa, o Mal é representado pelo negro. É preciso avançar lentamente, nós o sabemos, mas é difícil. O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro- tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral física ou à sujeira moral. Ficaríamos surpresos se nos déssemos ao trabalho de reunir um grande número de expressões que fazem do negro o pecado. Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado rum da personalidade. Enquanto não compreendermos essa proposição, estaremos condenados a falar em vão do *problema negro*. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e do outro lado: o olhar

claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. (FANON, 2008, p.160)

Em contrapartida, as imagens do branco, por muito tempo traduziram-se como únicas referências nas grandes mídias, ensinando as crianças os padrões socialmente aceitos. Na década de 80 e 90 crianças de todo o Brasil com acesso à rede televisiva tinham com referências a imagem de três apresentadoras infantis brancas com cabelos loiros.

A construção da autoestima da criança negra, perpassa pelas experiências vivenciadas nos diferentes espaços sociais. É importante que a criança cresça em um lar onde se reconheça a negritude na pele e haja a plena valorização da cor, contudo, é de igual relevância que a escola, as mídias, as legislações, as políticas públicas, também o faça. É fundamental que as crianças desde muito pequenas vejam negros na literatura, no teatro, na música, no cinema, nas campanhas de publicidade, nas autorias das descobertas científicas, na medicina, nos cursos de pós-graduação, bem como no exercício da docência desses e em outros espaços até então ocupados por brancos.

A história atribuída ao negro é marcada por exploração, privação e discriminação social, contudo importantes movimentos a favor da diversidade, em especial, a favor de culturas negras vêm ganhando maior notoriedade através de espaços mais populares, principalmente por meio da *internet*. A militância negra hoje pauta-se sobre a busca por condições mais igualitárias e na autoafirmação da identidade negra, bem como no reconhecimento do seu valor na sociedade. Engajados nessa luta, no meio artístico, vimos importantes nomes surgirem: Karol Conka que faz alusão às mulheres em sua letra numa vertente de denúncia em relação à construção social da mulher negra e o efeito do racismo na construção de sua baixa autoestima: *A mocinha quer saber por que ainda ninguém lhe quer, se é porque a pele é preta ou se ainda não virou mulher. Ela procura entender porque essa desilusão pois quando alisa seu cabelo não vê a solução.* (Trecho da música *Marias*)

Figura 2 - Karol Konka

Fonte: (<http://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2017/12/12/karol-conka-bate-assediador/>)

E mesmo entre as crianças já há destaque para nomes como Mc Sophia, com músicas de empoderamento às meninas negras, reafirmando a presença de outras referências para além das oferecidas pela cultura ocidental: *Vou me divertir enquanto sou pequena/ Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana/Como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor.* (Trecho da letra *Menina pretinha*)

Figura 3 - Mc Soffia

Fonte: (<http://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/rapper-mc-soffia-faz-show-com-dream-team-do-passinho-em-salvador/>)

Em outra de suas músicas, *Minha Rapunzel de Dread*, a cantora faz menção a uma personagem criada por ela mesma mediante a dificuldade de ter encontrado referenciais literários que se remetessem a sua origem africana. Trata-se de uma personagem que desconstrói os estereótipos de uma princesa: negra com cabelo rastafári e sem um príncipe. Na letra cita termos como *empoderamento*, *força*, *beleza* atribuindo-os a sua princesa:

Num conto de fadas a Rapunzel joga suas tranças
Na minha história, ela tem dread e é africana (...)

Era uma vez uma princesa Rastafari que nasceu no reino de Sabá

Na minha história a Rapunzel tem dread

Ela é negra e é Rastafari
Não precisa de um príncipe pra se salvar
Ela é empoderada e pode tudo conquistar

O seu cabelo *dread* tinha força e poder
Sua beleza africana não tinha o que dizer
Essa história eu inventei porque não vi princesa assim
Só me mostraram uma, aí isso não dá pra mim (MC Soffia)

Concomitante ao descrito por MC Soffia, vimos que tradicionalmente os grandes clássicos da literatura infantil não apresentam uma representatividade negra, contudo, o quadro vem apresentando significativas mudanças a partir da produção de um acervo com uma vertente cultural a favor das identidades negras. A exemplo: *As tranças de Bitou*, *Bruna e a galinha D'Angola*, *Cabelo de Lelê*, *O menino Marrom*.

Figura 4 - Literatura Infantil

Fonte: (A Autora)

Embora tenhamos ampliado o acervo literário tendo personagens negros como protagonistas, observamos que em sua maioria, tais livros focam na temática da cor, traduzindo-se como um instrumento de informação e propagação da identidade negra. Para este fim, tal literatura vem cumprindo um importante papel social e não há críticas a esse respeito, contudo, cuidamos de pontuar o desejo e a necessidade de ver histórias com enredos diversos, caracterizando assim uma maior igualdade na representação de negros e brancos.

3 FRAGMENTOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO

Reconhecendo que a construção identitária da criança é reflexo do que lhe é apresentado como referência, vimos, nos últimos anos, explorando um acervo diversificado no que se refere as questões de raça. O objetivo tem sido apresentar as crianças, por meio da literatura, pessoas de cor negra em contexto de protagonismo com destaque positivo, desconstruindo a imagem negativa em relação a esta população.

Para o alcance dos nossos objetivos, foi lido para uma turma do pré-escolar o texto *Menina bonita do laço de fita* (Figura 5), a história de um coelhinho branco que sonha em ser preto, tal como a menina bonita do laço de fita e para tal se aventura nas peças pregadas pela protagonista, uma menina com a *pele negra e lustrosa que nem o pelo pantera-negra quando pula na chuva*.

Figura 5 - Livro Menina Bonita do laço de fita

Fonte: (MACHADO, 2009)

Ouvindo a história da menina, contada por sua mãe preta, o coelho enfim entende que para ter uma filha preta precisava encontrar uma coelhinha preta e tão logo a encontrou, tiveram uma ninhada de filhotes (Figura 6): *Tinha coelho para todo gosto. Tinha coelho branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha*. (MACHADO, 2009)

Figura 6 - Os filhotes

Fonte: (MACHADO, 2009)

Após a leitura e visualização das imagens pedimos que os alunos falassem a respeito de suas famílias, com quem se pareciam, se eram diferentes dos irmãos e em seguida pedimos que imaginassem que eram coelhos. Sendo assim, que apontassem o dentre os filhotes da ilustração aquele que mais se pareciam com sua cor. Fizemos uma dobradura de um coelho e pedimos que as crianças o colorissem tal como identificam sua cor.

Figura 7 - Registro das crianças

Fonte: (A Autora)

Essa mesma dinâmica vem sendo proposta há aproximadamente 10 anos, em turmas das séries iniciais do ensino fundamental e pela primeira vez as crianças falam sobre o tom de sua pele e tipos de cabelo.

4 SOU NEGRA!

Preocupados com a evolução do grafismo, com o traçado das crianças, com as demandas do projeto identidade-família, propomos as crianças que se autorretratas-

sem. Orientações são *lançadas*:

_Olha, atenção para não esquecer como cada um é! Os olhos, orelhas, cabelos... membros...

No meio da sala, Madu, menina tagarela, em tom chamativo diz:

_ Eu sou negra!

Prontamente, dirijo minha atenção para a aluna e nem preciso pedir que fale a respeito. Madu segue sua auto descrição:

_Sou negra, tenho cabelo preto e cacheado, olha!

Para ratificar sua fala, aponta para a pele e cabelos, testificando sua fala. No mesmo movimento as crianças se debruçam a falar a respeito de si, sinalizando serem negros. Não satisfeitos de falarem sobre si, puxam sua árvore genealógica e falam sobre como se parecem com a mãe, com o pai, com a avó...

Marcos, embora de pequena estatura e fala mansa, nesse momento se pronuncia em tom de voz mais alto que o comum:

_Eu sou preto! Eu sou preto e minha mãe é preta!

Maria, criança branca, cabelos claros e ondulados, retruca:

_Não, Marquinhos, você não é preto! Você é branco!

Contrariado o menino contra-argumenta:

_Eu sou preto porque minha mãe é preta!

Inconformada, Maria segue em sua tentativa de tornar o amigo “aceitável” a luz de suas impressões:

_Não, Marquinhos! Sua mãe é preta, mas você é branco! Sua mãe nasceu errado!

As crianças vão trazendo respostas simples a um problema social tão complexo.

_Cada um tem seu jeito!

(...)

Fiz a opção de ouvir o debate, as teorias e os argumentos de ambos e embora

o racismo seja criminalizado em nosso país, não intervi. A opção pelo silêncio naquele momento foi por entender que minha intervenção seria em vão. A aluna calaria sua insatisfação e inconformismo por respeito a professora e não pela compreensão de que somos frutos da diversidade. Maria não nasceu racista, sequer talvez saiba as implicações da sua fala. Uma pausa docente no conflito que se instaurava talvez não me trouxesse tantos subsídios para um projeto maior, mais reflexivo e também não me daria tantas pistas quanto as concepções vigentes de Maria em relação a origem negra do amigo. Seu esforço em embranquecê-lo foi uma tentativa salvacionista de tirar o colega desse lugar tão mal visto e odiado por tantos. As crianças desde pequenas conhecem o desprestígio que é ser negro, “nascer errado” em nossa sociedade.

Em análise ao relatório referente a revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Parecer CNE/CEB nº 20/2009, identificamos que é previsto enquanto princípio político a garantia dos direitos de cidadania e do exercício da criticidade. Para tal, o documento sugere que a Educação Infantil deva promover experiências educativas a favor de uma formação participativa aonde as crianças possam expressar sentimentos, ideias e questionamentos em consonância com o bem-estar coletivo. O mesmo documento prevê o combate ao racismo e demais formas de discriminação devendo este ser um importante objeto de reflexão e intervenção pedagógica. Assim, vai nascendo um novo projeto cheio de desafios, mas que certamente terá o protagonismo dos alunos e suas famílias, com elucidação de suas identidades negras e legitimação de suas histórias e culturas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para provisoriamente encerrar esta conversa, retomo uma outra, provocada Marília Dourado ao escrever o prólogo de *Diálogos com Reggio Emilia*:

Em *Diálogos com Reggio Emilia*, escuto, investigo e aprendo, como está no título desta obra. Mas vou mais além: sonho e cultivo a ideia de escolas de educação infantil do Brasil e do mundo dotadas de princípios ético, estético e político, que reconheçam as crianças como agentes de mudança e transformação e que com elas, efetivamente, estabeleçam relações de confiança para a construção de uma autonomia criativa. (DOURADO in RINALDI, 2017, p. 15)

Deslocar a concepção de criança enquanto ser passivo, desprovido de criticidade e autonomia, para uma ideia mais próxima sobre o seu real potencial, configura-se em um importante passo nos estudos sobre desenvolvimento infantil. Nesse contexto, as experiências de escuta e investigação apresentadas por Reggio Emilia contribuem para uma leitura mais crítica dessa criança e elucidam novas perspectivas de trabalho que caminhem para a construção de uma pedagogia mais dialógica sem intensão de controle sobre o resultado final.

As narrativas dos alunos são carregadas de muitos sentidos e campo fértil para o debate em torno da diversidade na educação infantil e demais segmentos da educação básica. A escuta aos seus discursos evidencia a necessidade de trazer à tona uma literatura que seja orientada pelo viés da diversidade dialogando com os presentes movimentos que primam pela diminuição das desigualdades que nos diminuem.

A experiência de trabalho evidencia que as mudanças de rota no campo da literatura, somada a outras ações provenientes do movimento negro, vem contribuindo para que as crianças não apenas se reconheçam como negras, mas sobretudo, valorizem sua cor, histórias e culturas. A análise dos discursos produzidos por crianças da educação infantil nos revela que as mesmas orgulham-se de ser quem são e precisam desde muito novas defenderem sua cor. Nesse contexto, observamos a importância de uma maior representatividade negra nas grandes mídias populares não apenas como medida igualitária, mas como um referencial para crianças negras e brancas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Parecer nº 20. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

_____. **Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil**. 2017.

EDWARDS, Carolyn. GANDINI, Lella. FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Volume 1. Porto Alegre: Penso, 2016.

EDWARDS, Carolyn. GANDINI, Lella. FORMAN, George (orgs). **As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação**. Volume 2. Porto Alegre: Penso, 2016.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do laço de fita**. 9ª Ed. São Paulo: Ática, 2011.

Moore, Carlos. Um negro em eterno exílio. El País. 31 ago. 2015. **Opinião**. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/31/opinion/1441035388_761260.html. Acesso em 19/jun//2018.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender**. 5ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.